

FORMAS NOMINAIS EM -NTE DO PORTUGUÊS DO BRASIL: UMA ANÁLISE SINTÁTICA

Alessandro Boechat de MEDEIROS¹

RESUMO: O presente artigo analisa formas nominais deverbais terminadas em *-nte*, como *fertilizante*, *fumante* ou *entorpecente*, dentro do arcabouço teórico da Morfologia Distribuída. Propomos que em sua estrutura morfossintática exista um núcleo flexional que concentra duas funções: introduzir um argumento externo e dar ao evento denotado pelo verbo mais encaixado uma interpretação genérica/habitual. Na análise, esse sintagma flexional interno também é constituinte de formas com a mesma terminação, mas com distribuição tipicamente adjetiva. Apresentamos argumentos para a abordagem sintática proposta e, nas seções finais do artigo, fazemos uma breve discussão sobre o tipo de referência associada a tais formas nominais.

PALAVRAS-CHAVE: Particípio presente. Aspecto. Nominalizações. Morfologia Distribuída.

Introdução

Alguns manuais chamam a forma em negrito nas sentenças em (1) de “particípio presente”, fazendo referência a sua origem histórica. Tais formas são ditas *ativas*, pois descrevem propriedades de entidades interpretadas como sujeitos de seus verbos de base.² No português, o *particípio presente* tem, tipicamente, distribuição e concordância adjetivas; o que é mostrado pelas sentenças abaixo:

- (1) a. Filme “**comovente**” sempre me faz rir.
b. Seus filhos estão muito **falantes** hoje.

¹ UFRJ, Rio de Janeiro, Brasil. alboechat@gmail.com

² Observe-se que justo o oposto ocorre com o “particípio passado”, que é normalmente *passivo* e denota um estado (final, alvo, resultante, atingido) do complemento do verbo de que deriva.

Contudo, os exemplos (2) a seguir apresentam a palavra *repelente*, um *particípio presente*, não só com o comportamento de adjetivo, mas também com o de nome em (2c), pois é argumento interno do verbo *usar*, é sempre masculina, e é modificada pelo adjetivo *poderoso*. A maior parte dos itens da lista (3), na sequência, se comporta como a palavra *repelente*

- (2) a. João é **repelente**.
b. Uma postura **repelente** a do seu patrão.
c. Era tanto mosquito lá que eu tive que usar um **repelente** poderoso.

(3) Absorvente, adoçante, agravante, alvejante, amante, aniversariante, assaltante, calmante, concorrente, comandante, depositante, descendente, desinfetante, dirigente, estudante, fertilizante, ficante, fumante, governante, militante, navegante, oponente, ouvinte, pisante, precedente, presidente, refrigerante, regente, repelente, representante, residente, restaurante, retirante, servente, vigilante, visitante, etc.

O objeto de análise deste artigo são formas como as encontradas em (3), que vou, por razões que apresentarei na seção a seguir, tratar como formas nominais derivadas, não como adjetivos modificando categorias vazias (ver KESTER, 1994; SIAINES, 1997; BORER; ROY, 2007). Nos itens da lista duas características consideradas antagônicas convivem. A primeira é que, ao contrário das nominalizações de verbo com outras terminações (como *destruição*, *varrida*, *desenvolvimento* – que denotam eventualidades), os exemplos de (3) tipicamente se referem a entidades que são, assim como o são os sintagmas nominais modificados pelas formas adjetivas correspondentes, interpretadas como *sujeitos* de seus verbos de base. Por exemplo, o *acompanhante* é *alguém* que *acompanha*; o *desinfetante* é um produto que *desinfeta*; *absorvente* é algo que *absorve* (excreções do corpo, fluxo menstrual, íons, etc.). A segunda característica é: os contextos de uso de algumas das palavras listadas acima parecem sugerir que seus significados são mais específicos do que o veiculado por suas paráfrases – e, de fato, nem sempre paráfrases lhes podem ser facilmente associadas. Por exemplo, *fertilizante* não é, de fato, uma substância que enriquece solos, e não simplesmente algo que *fertiliza*? *Retirante* não se refere a pessoa que foge das secas e da pobreza dos sertões nordestinos, emigrando para outras regiões, e não simplesmente a alguém

que *se retira*? O *pisante* é alguém que *pisa* ou um calçado? *Restaurante* é um lugar onde as pessoas *restauram* suas forças – é um lugar que *restaura*? *Refrigerantes* “refrigeram” quem está sofrendo com o calor? Ao que parece, temos uma tensão aqui: ao passo que algumas de suas propriedades são essencialmente sintáticas e regulares, como o fato de, tipicamente, designarem entidades interpretadas como os *sujeitos* dos verbos de base, muitas dessas palavras apresentam significados que extrapolam os das paráfrases associadas (quando não se distanciam deles mais radicalmente), característica que se atribui ao léxico, o armazém das idiosincrasias. Como lidar com isso?

Arquiteturas gramaticais que postulam um léxico gerativo, com propriedades e operações diferentes das do componente sintático (por exemplo, ver ANDERSON, 1992), assumirão que os itens de (3) são gerados no léxico, por operações que lhe são próprias, uma vez que podem trazer idiosincrasias semânticas como as mencionadas no parágrafo anterior e caracterizam, ao que parece, mudança de classe de palavra – de adjetivo para nome. Contudo, essas operações deverão fazer referência a uma função sintática – de sujeito – associada ao argumento externo do verbo mais encaixado,³ pois, tipicamente, os itens denotam entes assim interpretados. O sistema, portanto, será necessariamente redundante: assumirá operações lexicais, por natureza não-sintáticas, mas que espelham propriedades sintáticas.

Um dos objetivos deste artigo é mostrar que a tensão mencionada dois parágrafos acima não existe e que (3) não é um conjunto homogêneo. Espero mostrar, também, que uma abordagem sintática é a melhor maneira de explicar as propriedades de seus itens – e suas diferenças –, evitando a redundância apontada no parágrafo anterior. A arquitetura de gramática adotada aqui será a proposta pela *Morfologia Distribuída* (ver HALLE; MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997), que elimina a dicotomia sintático-lexical e baseia-se em um único mecanismo gerativo – a sintaxe.

Nas subseções do artigo, apresento: (a) argumentos para afirmar que os itens em (3) são nominais, não adjetivos modificando uma categoria vazia (um *pro*, por exemplo; ver SIAINES, 1997; KESTER, 1994; BORER; ROY, 2007); (b) outras abordagens para formas semelhantes em outras línguas: duas delas orientadas pela Morfologia Distribuída (doravante MD), uma assumindo uma *sintaxe lexical*, à maneira de (HALE; KEYSER, 1993) – algumas

3 Que, diga-se de passagem, no *mainstream* da teoria gerativa, é associado ao verbo sintaticamente. Ver, entre outros, Marantz (1984), Chomsky (1995) e Kratzer (1996).

das ideias que elas trazem contribuirão para a análise contida neste artigo; (c) uma introdução à MD e minha análise dos nominais em *-nte*; e (d) algumas questões relevantes à guisa de conclusão.

Desinfetante é mesmo um nominal?

Autores como Kester (1994) propõem que, em sentenças como as de (4) a seguir, as palavras em negrito não são nomes derivados de adjetivos. Tais palavras preservam sua categoria gramatical: continuam sendo adjetivos. A questão é que modificam uma categoria vazia, um *pro*.

- (4)
- a. Um **cego** atravessou a rua.
 - b. O **curioso** neste autor é a sua ironia feroz.
 - c. Os **belos** sempre acabam sendo os escolhidos.

Trabalhos como Borer e Roy (2007) e Siaines (1997) apontam, contudo, diferenças entre (4a) e os demais exemplos. Siaines argumenta que, diferentemente de *belos* em (4c), *cego* em (4a) só pode referir-se a um ente humano – nunca a cachorros, por exemplo, ainda que estes também possam ser cegos e atravessem ruas. Isso indica idiosincrasia de significado, e leva a autora a propor que *cego* não seja tratado como um adjetivo modificando um *pro* em (4a), mas como um nome lexicalmente derivado de um adjetivo.

Borer e Roy (2007) apresentam uma característica distribucional que distingue o que elas chamam de Noms(A), nomes derivados de adjetivo (o caso de *cego* acima), das formas *Adj-pro*, adjetivos atributivos modificando *pro*'s (coisas como *curioso* ou *belos* em [4b] e [4c], respectivamente). Trata-se do licenciamento de Noms(A) despojados em contextos fracos, contextos em que não há referentes pressupostos, algo que ocorre naturalmente com os nomes em geral (ver [5c]). *Adj-pro*'s despojados, ao contrário, não são licenciados nos mesmos contextos. Vejam-se os exemplos a seguir (BORER; ROY, 2007, p.18), com exceção de [5c]; os exemplos foram traduzidos do espanhol para o português, mas guardam as mesmas propriedades):

- (5)
- a. *Não encontrou **importantes** na reunião.
 - b. Não encontrou **cegos** na reunião.
 - c. Não encontrou mendigos de barba hirsuta na reunião.

Além de serem modificáveis por adjetivos (ver [2c]), as formas em (3) são licenciadas em contextos fracos, exatamente como *cegos* em (5b) acima. Os exemplos a seguir o mostram:

- (6) a. *Não encontrou **nauseantes** no armário.⁴
 b. Não encontrou **desinfetantes** no armário.

Em (6) não há um contexto que forneça referência para *nauseantes* ou *desinfetantes*. Segundo Borer e Roy, o fato de termos agramaticalidade em (6a) mostra que *nauseantes*, ali, seria um adjetivo, não um nome derivado. O mesmo não acontece com a palavra *desinfetante* em (6b), que não cria problemas para a sentença. Todos os itens da lista (3) são como *desinfetante*, e podem ser usados nos contextos fracos mencionados.

Assumindo que o critério de Borer e Roy (2007) seja suficiente para distinguir os casos em que há, de fato, uma forma nominal derivada dos casos em que temos um adjetivo modificando uma categoria vazia, a conclusão inevitável é que os itens em (3) são formas nominais. E assim eles serão tratados ao longo deste artigo.

E já que os itens de (3) são nominais, discutirei algumas análises encontradas na literatura para formas semelhantes em outras línguas. As abordagens a seguir sugerem alguns caminhos possíveis para o tratamento dos nominais em *-nte*.

Algumas considerações sobre outras abordagens

As propostas de van Hout e Roepper

Em artigo de 1998, van Hout e Roepper analisam as nominalizações em *-er* do inglês em dois contextos distintos, exemplificados abaixo em (7):

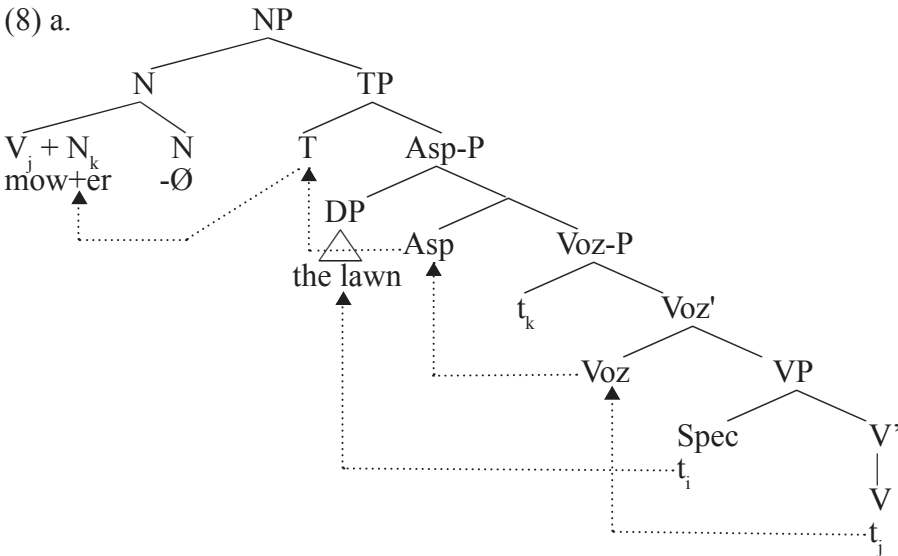
- (7) a. The mower of the lawn just walked in (o cortador da grama acabou de entrar).
 b. The lawn-mower just walked in (o cortador de grama acabou de entrar).

⁴ Parece-me que a sentença não seria agramatical se existisse algum medicamento cuja função exclusiva fosse causar náuseas. Essa afirmação não vem a troco de nada. Ver discussão na conclusão do artigo.

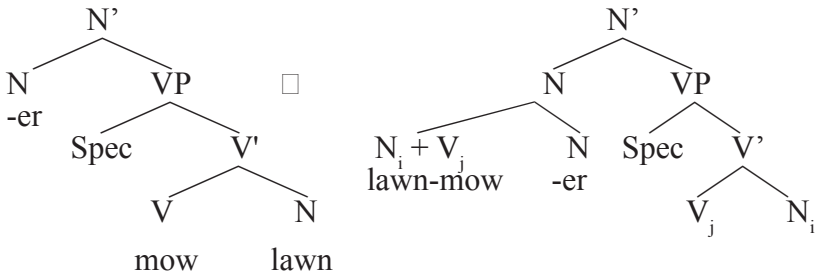
Segundo os autores, em (7a) há implicação de um evento, e *mower* tem somente leitura agentiva; já em (7b) o composto *lawn-mower* tem leitura de instrumento ou de agente e não há um evento envolvido.

Na proposta dos autores, alinhada com a noção de *sintaxe lexical* desenvolvida em Hale e Keyser (1993), *mower* de (7a) envolve um VP, um Voz-P, um Asp-P e um TP; o composto *lawn-mower* em (7b), por outro lado, envolve somente um VP, sem os outros núcleos do sistema flexional. Os esquemas a seguir ilustram a ideia:

(8) a.



b.



Na estrutura (8a), o nó Voz tem a função de introduzir uma variável de evento, licenciar um complemento e criar uma posição para a introdução de um agente, que será ocupada pelo núcleo nominal *-er*. O *-er* nessa posição se cliticiza ao verbo, que passa por sucessivos movimentos de núcleo até

cliticizar-se ao N vazio, na posição mais alta. O complemento move-se para especificador de Asp-P onde checa telicidade (observe-se que, no exemplo (7a), o complemento é um tema incremental e é quantificado, e por isso a interpretação télica). O núcleo T é necessário para fechar a variável de evento introduzida por Voz, provavelmente contribuindo com um quantificador existencial para o evento. A presença desse núcleo explica por que na interpretação de (7a) um evento é implicado: para *lawn-mower*, onde não há núcleo T (ver [8b] acima), não necessariamente houve, em algum momento, um evento de cortar a grama; já *o mower of the lawn* cortou a grama alguma vez. A leitura de entidade que é um agente do evento interno à forma nominal é possível porque o N *-er* parte de uma posição em que é interpretado como agente do evento – o especificador de Voz-P. Em casos como o da nominalização *destruction*, por exemplo, teríamos também Voz, Asp, T; mas, como não há um N que parte da posição de especificador de Voz, a interpretação não é a de agente de um evento, mas a de evento com certas propriedades (é o nome de um evento, não de uma entidade).

A interpretação de (8b) não tem implicação de evento, como esperado, uma vez que não tem Voz que introduz variável de evento nem T que fecha essa variável.

Apesar de tratar de formas nominais que guardam certas semelhanças com as listadas em (3), os nominais em *-er* do inglês estudados por van Hout e Roepper têm algumas propriedades que os tornam inconciliáveis com os nominais *-nte* do português. Por exemplo, a estrutura de (8a) fornece uma leitura *episódica* para o evento mais encaixado (ver discussão abaixo), coisa que nunca ocorre com os nominais *-nte*. De fato, a estrutura (8a) seria mais adequada para explicar uma das leituras das formas nominais em *-dor* (*matador*) do português.⁵ Já a outra estrutura é para compostos, sem muita utilidade para o nosso caso.

As propostas de Alexiadou

Seguindo o arcabouço teórico da MD, Alexiadou (2001) propõe que formas nominais como *dancer* do inglês ou *katharistis* (limpador) do grego tenham estruturas com as seguintes características: (1) presença de um verba-

5 Por exemplo, para o DP *o matador do Chico Mendes* a interpretação envolve um evento único de “matar alguém”. Note-se aqui que não necessariamente o matador é um profissional que faz isso habitualmente. Nominais *-nte* não aceitam essa leitura.

lizador com traços de agentividade; (2) ausência, em sua estrutura morfossintática, de núcleo com traços aspectuais.

A ideia de que essas formas nominais trazem verbalizadores – ou, por outros termos, uma posição de evento – se justifica por certos paralelos que existem entre nominais eventivos com *-er* e nominalizações de processo como *destruction*. Segundo a autora, as formas nominais em *-er* verdadeiramente eventivas tomam sempre complementos, assim como o fazem os nominais de processo (ver GRIMSHAW, 1990 para uma extensa discussão sobre nominais de processo e de resultado); isso fica demonstrado pelo fato de serem modificados por adjetivos como *frequent* somente na presença dos argumentos internos. Quando o nominal é não-eventivo (ou seja, quando o complemento não é obrigatório), a modificação aspectual com tal adjetivo não é permitida. Os exemplos abaixo, tirados de Alexiadou (2001, p. 128-129), ilustram tais propriedades:

- (10) a. the defender *(of human rights).
b. frequent consumer *(of tobacco).
c. this machine continues to be our only (*frequent) transmitter.
d. this machine continues to be our only transmitter (*to headquarters).

Entretanto, há diferenças importantes entre as formas nominais em *-er* e os típicos nominais de processo. Ao contrário destes, segundo a autora, os nominais em *-er* não permitem modificação com advérbios de modo; tampouco aceitam modificação aspectual, diferentemente de formas nominais como *destruction*. Vejam-se os exemplos a seguir do grego (ALEXIADOU, 2001, p. 129):

- (11) a. *o katharistis tu ktiriu prosektika
o limpador o-GEN prédio cuidadosamente
b. *o katharistis tu ktiriu epi ena mina telika apolithike
o limpador o-GEN prédio por um mês finalmente pegou fogo.

Segundo a autora, tais contrastes sugerem que as formas nominais em *-er* tenham um caráter verbal “diminuído”, mesmo em sua leitura agentiva.

Uma vez que as formas nominais em *-er* tomam complementos e são indiscutivelmente agentivas, postular a presença de um verbalizador é inescala-

pável. Essa característica é parcialmente partilhada pelos nominais de processo. E digo *parcialmente* porque nos nominais de processo do tipo *destruction*, diferentemente dos nominais do tipo discutido nesta seção, o verbalizador não traz traços de agentividade: é, ao contrário, um verbalizador ergativo. Já o fato de as formas nominais em *-er* não aceitarem modificadores aspectuais (ver exemplo (10d)) leva a autora a dizer o contrário sobre núcleos aspectuais: estes devem estar ausentes. Nesse ponto, os nominais em *-er* divergem radicalmente dos nominais de processo, que trazem, sempre, nas propostas de Alexiadou, núcleos aspectuais.

Segundo a autora, como resultado da estrutura proposta, as formas nominais em *-er* não denotam eventos específicos, mas agentes de um evento – ou seja, indivíduos ou classes de indivíduos. A ausência de nós de aspecto parece coerente com tal interpretação, uma vez que aspecto é uma noção relevante para eventos, não para indivíduos.

Este me parece ser um dos pontos problemáticos da proposta de Alexiadou: a não existência de um núcleo aspectual em nominais do tipo *-er* não pode ser generalizada para qualquer língua (se de fato vale nos exemplos que ela dá). Veremos a seguir que o esloveno tem nominais semelhantes em muitos aspectos aos estudados por Alexiadou, com a mesma leitura de indivíduo agente (ou instrumento) para o evento denotado pelo verbo mais encaixado, que aceitam modificação aspectual e podem ter uma leitura em que o evento denotado pelo seu verbo de base está em progresso em determinado momento. Pode ser verdade que aspecto não seja uma noção relevante para indivíduos, mas isso não impede que formas nominais deverbais com denotação de entidade aceitem modificação aspectual/temporal. Ademais, a ideia de que o vizinho dessas estruturas traz necessariamente traços de agentividade seria problemática para casos como *descendente* ou *aniversariante* da lista (3) acima. São exemplos de nominais *-nte* que não denotam agentes dos verbos de base, até porque seus verbos de base não expressam ações.

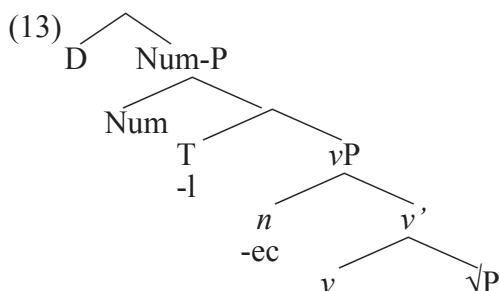
As propostas de Marvin

Estudando as nominalizações de participio do esloveno, Marvin (2002) trata do que ela chama de *Nominalizações de Participio-L Agentivas*. Essas nominalizações têm propriedades muito semelhantes às dos nominais em *-er* do inglês e em *-dor* e *-nte* do português. Por exemplo, denotam o

argumento externo do evento denotado pela raiz verbal (ou pelo verbo mais encaixado). A interpretação desse argumento externo é sempre a de agente ou de instrumento:

- (12) a. plavalec/ka = o/a agente do evento de nadar
 b. morilec/ka = o/a agente do evento de assassinar
 c. rezalo = a coisa que é o instrumento que realiza o evento de cortar.

A autora propõe que a previsibilidade da interpretação de “argumento externo” é consequência da estrutura na qual o nominalizador é inserido, como mostra o esquema a seguir:



No esquema acima, o vezinho é um feixe de traços que reúne os traços [+Ext, +Ag] (ver EMBICK, 2000): ou seja, ele projeta uma posição de argumento externo e o que ocupa essa posição deve ser interpretado como agente do vP. A postulação de um núcleo como o vezinho, que implica um evento, se justifica por alguns testes semânticos apresentados pela autora. Por exemplo, modificação adverbial: segundo a autora, as nominalizações aqui discutidas podem ser modificadas por advérbios de modo, tempo ou lugar:

- (14) a. Rezalo na tanke kose (cortador em pedaços finos) – Modo;
 b. Iztrebljevalec v enem dnevu (exterminador em um dia) – Tempo;
 c. Sprehajalec po parku (caminhante em parque) – Lugar.

As nominalizações de Particípio-L apresentam dois enquadres possíveis de tempo/aspecto para o argumento externo que elas denotam. Podem ser agente/instrumento de um evento habitual ou agente/instrumento de um

evento em progresso. O tempo do evento denotado pelo verbo mais encaixado pode ser presente, passado ou futuro. Por exemplo, a palavra *plavalec* (nadador) pode se referir a alguém que é nadador por profissão (habitual) ou a alguém que está/estava/estará nadando em um momento contextualmente determinado (em progresso). Na proposta de Marvin, o responsável por tais leituras é o T em (13), que alberga traços temporais (S,R)⁶ e uma variável de evento E; o tempo real do evento vai ser determinado contextualmente.

Uma outra propriedade dessas construções que, segundo a autora, corroboraria a presença de um núcleo de tempo/aspecto com certas especificações semânticas é que elas são bem-formadas somente com verbos imperfectivos do esloveno, aqueles sem prefixação perfectiva. Por exemplo, *plavalec* (nadador) envolve o verbo *plavati* (nadar) imperfectivo; o acréscimo do prefixo perfectivo ao verbo inviabilizaria a formação da forma nominal em questão: ***preplavalec**.

Entretanto, olhando para o esquema (13), me pergunto se podemos realmente afirmar que a estrutura denota entidades, e não nomes de eventos com agentes. Quero dizer: o núcleo Num, irmão de TP – que, de fato, nominaliza a estrutura –, não faz com que a leitura principal seja a de nome de um evento (habitual ou em progresso) com agente, e não a de agente de um determinado evento? Se este núcleo trouxer o traço [plural], por exemplo, a interpretação esperada não seria algo como: “mais de um evento em progresso”, com um bizarro *n* como agente? Como o fato de haver um nominalizador na posição de especificador de um vP mais encaixado é suficiente para se obter a leitura de entidade (e não de evento) ao final de tudo? Além disso, segundo a autora, a forma nominal eslovena tem somente leitura agentiva/instrumental, e esse não é o caso dos nominais em *-nte*, como vimos acima.

Analizando os nominais em *-nte* do português

No que segue, apontarei algumas propriedades das formas nominais em *-nte* que as distinguem dos nominais em *-er* do inglês e das formas nominais do esloveno discutidas acima. Vimos que nenhuma das análises pode ser

6 A vírgula entre S e R indica coincidência temporal entre o tempo da fala (S) e o tempo de referência (R). Esses dois tempos, junto com o tempo do evento (E), formam a base do sistema tríplice de Reichenbach (1966 [1947]). Este autor defende a ideia de que as interpretações dos tempos verbais das línguas do mundo podem sair de combinações das relações de antecedência e coincidência entre as três entidades temporais mencionadas.

diretamente aplicada aos nominais em *-nte*. Entretanto, o proposto aqui é, em certa medida, devedor do que se discutiu na seção anterior. Por exemplo, considerarei, como em Marvin (2002), que há núcleo flexional – aspectual – que é responsável por uma leitura genérica/habitual do evento introduzido pelo verbo de base, ainda que não aposte numa abordagem configuracional para a leitura de entidade que a forma nominal tem. Como em Alexiadou (2001), assumirei que a propriedade de introduzir argumento externo de um núcleo funcional (na minha abordagem, o núcleo de Voz) é suficiente para a interpretação que o nominal recebe de entidade sujeito do verbo mais encaixado, sem que seja necessária a concatenação de um N ou *n* na posição de especificador deste núcleo para se obter tal leitura.

Pressupostos teóricos

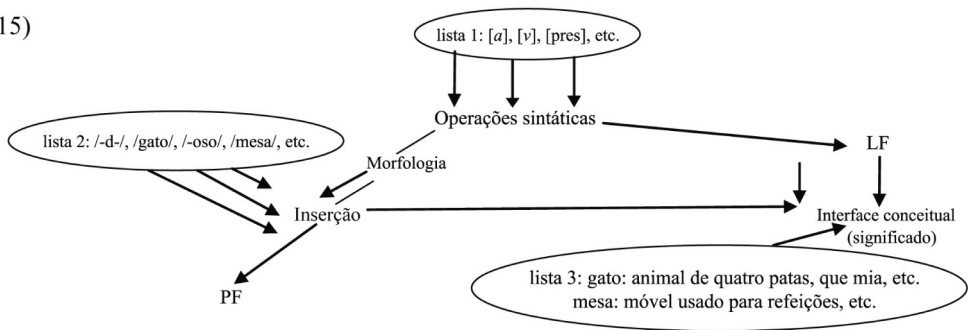
Como já está dito na introdução, adoto, na minha análise, a arquitetura de gramática proposta pela Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993; MARANTZ, 1997).

Esse modelo gramatical compõe-se de três listas: (a) uma lista de feixes atômicos de traços morfossintáticos abstratos (o Léxico Estrito ou lista 1, MARANTZ, 1997), ou morfemas sem conteúdo fonológico – como os diversos “vizinhos” (verbalizadores), núcleos flexionais (de tempo, aspecto, etc.), determinantes (definidos ou indefinidos), núcleos nominalizadores (os “enezinhos”), etc. –, e raízes, ou contêineres de raízes, que se combinam por meio de operações sintáticas, produzindo, recursivamente, estruturas mais complexas; (b) uma lista de peças de vocabulário, ou de regras de associação de conteúdo fonológico a nós terminais da sintaxe (o Vocabulário ou lista 2); e, finalmente, uma lista de significados para as raízes em contextos sintáticos determinados (a Enciclopédia ou lista 3). Também baseia-se em três propriedades: (a) Inserção Tardia (ou pós-sintática) das peças de vocabulário; (b) Subespecificação do Vocabulário – ou seja, a especificação para a inserção do conteúdo fonológico em um nó sintático terminal deve ser igual à, ou um subconjunto da, informação contida em tal nó; e (c) Estrutura Sintática Hierárquica em Toda a Derivação (*All The Way Down*), que, grosso modo, quer dizer que a sintaxe chega ao nível da palavra.

Nessa arquitetura, uma derivação ocorre da seguinte maneira. Primeiro, há uma pré-seleção (uma *Numeração*, nos termos de Chomsky [, 1995)

de elementos do Léxico Estrito, os morfemas abstratos e as raízes, que serão nela usados. No componente sintático, os itens pré-selecionados serão concatenados e deslocados, gerando os constituintes sintáticos. Após o *spell-out* das operações sintáticas, no ramo que leva a derivação para o componente fonológico (ver esquema abaixo), operações morfológicas se aplicam sobre os nós terminais, antes da inserção das peças do Vocabulário. Após a inserção, a derivação é enviada para a interface conceitual, e a Enciclopédia é acessada, fornecendo os significados das raízes nos contextos sintáticos em que ocorrem. O esquema a seguir (HARLEY; NOYER, 1999) ilustra o que está contido neste parágrafo.

(15)



Baseando-se em Chomsky (1999), Marantz (2001) propõe que as derivações ocorram por fases, com múltiplos *spell-outs*. Entretanto, ao contrário das fases proposicionais de Chomsky (vP e CP), Marantz propõe que o *spell-out* aconteça sempre que um núcleo categorizador (*v*, *n* ou *a*) seja anexado à estrutura. Então, assim que ocorre, na sintaxe, a combinação de um nominalizador *n* com uma raiz, por exemplo, para gerar um nome (como a combinação do *n* realizado pela peça de Vocabulário /ion/ com a raiz $\sqrt{\text{cant-}}$, para produzir o nome *canção*), o constituinte gerado é enviado para a FL e para o componente fonológico, conforme o esquema acima.

Essa visão tem duas consequências: (a) a Enciclopédia vai fornecer significado para a raiz no contexto do primeiro categorizador, e somente nesse contexto; (b) uma vez que etapas posteriores não têm acesso a fases fechadas, nenhum morfema que se anexe acima do primeiro categorizador terá poder de alterar o significado da raiz negociado na fase mais encaixada. A primeira fase, portanto, é o *locus* das idiosincrasias semânticas, da atribuição de conteúdo enciclopédico; o que se

concatena com ela só contribui com o conteúdo dos traços que compõem os morfemas.

Na análise a seguir adotarei esta versão da MD. Como se verá, a proposta de Marantz (2001) explica a relativa heterogeneidade dos nominais em *-nte* listados em (3).

Há um núcleo verbalizador (um vizinho) em tais formas nominais?

Quando propomos estruturas morfossintáticas para grupos de formas como os nominais em *-nte*, devemos buscar por evidências que corroborem a presença dos constituintes postulados. No caso das formas em questão, sem muito esforço encontramos evidências morfológicas de que há núcleos verbalizadores (os “vizinhos” de MARANTZ, 1997) em suas estruturas. Por exemplo, em *fertilizante*, *alvejante*, *entorpecente* e *adoçante* encontramos morfemas verbalizadores (ou que co-ocorrem com verbalizadores) reconhecidos até mesmo pelas gramáticas tradicionais: o *-iz-* causativo (normalmente deadjetival), o *-ej-* iterativo, o *-ec-* incoativo e o prefixo *a-*, presente em diversos verbos derivados de adjetivos e nomes (como *aterrar* ou *apedrejar*). Em uma teoria realizacional como a MD, essas peças indicam inescapavelmente a presença de morfemas verbalizadores abstratos, pois são realizações fonológicas dos mesmos. Ora, assumindo que a análise para os exemplos discutidos neste parágrafo se estenderá à maioria dos nominais em *-nte* cujas bases envolvem raízes tipicamente associadas a verbos existentes da língua,⁷ a conclusão é que tais formas têm, em sua estrutura, “vizinhos”; e, segundo o que se discutiu acima, tais verbalizadores definirão os ambientes de negociação dos significados das raízes destas formas nominais, o que há de enciclopédico no significado dos nominais.

Há núcleo aspectual na estrutura dos nominais -nte?

Olhando com bastante atenção os nominais em *-nte* do português, descobrimos neles uma característica bem sutil e importante: quando o verbo de base seleciona um tema incremental, seu complemento é preferencialmente

⁷ Há casos em que a terminação *-nte* ocorre em palavras cujas raízes não aparecem em verbos do português. É o caso do nome *paciente* (por exemplo: *o paciente não conseguia tomar sua sopa*), cuja raiz vem, historicamente, do verbo *patior* do latim. O verbo não existe em nossa língua, e, provavelmente, a palavra *paciente* não traz um vizinho em sua estrutura morfossintática.

um DP despojado, plural ou singular. Quando, junto ao nominal *-nte*, há um PP com um DP quantificado, a interpretação do nominal mais o PP não aceita leitura télica. Observem-se os exemplos em (16).

- (16) a. O/um alvejante de roupa, o/um alvejante de roupas, o/um alvejante da camisa do Pedro;
 b. O/um fertilizante de solo, o/um fertilizante de solos, o/um fertilizante do terreno da fazenda do meu tio.

Em *o alvejante da camisa do Pedro* ou *o fertilizante do terreno da fazenda do meu tio*, as interpretações são a de alvejante (normalmente) *usado* na camisa do Pedro ou de fertilizante (normalmente) *usado* no terreno da fazenda do meu tio. O uso do alvejante não implica que a camisa de Pedro ficou *alvejada* ou *alva*, nem o uso do fertilizante implica que o terreno da fazenda do meu tio ficou *fertilizado* ou *fértil*. Comparemos, entretanto, (16b) com *o fertilizador do terreno da fazenda do meu tio*, nas paráfrases a seguir.

- (17) a. O fertilizante do terreno do meu tio = algo usado no terreno do meu tio, para fertilizar.
 b. O fertilizador do terreno do meu tio = algo usado no terreno do meu tio, para fertilizar; alguém que, habitualmente, fertiliza o terreno do meu tio; *alguém ou algo que alguma vez fertilizou o terreno do meu tio*.

Vemos que em (17b) uma das leituras possíveis (em itálico) envolve um evento culminado, tendo como resultado *terreno fertilizado* ou *fértil*. A palavra *fertilizante*, ao contrário, nunca implica eventos culminados de fertilizar – no máximo, uma espécie de evento genérico de fertilizar –, mesmo com um DP quantificado funcionando como seu (pelo menos aparente) complemento. Como explicar isso?

Lembre-mos de que as paráfrases para os nominais *-nte* envolvem, sempre, o verbo no presente do indicativo. Uma estratégia interessante talvez seja buscar por propriedades compartilhadas entre esse tempo verbal e as formas aqui estudadas. Vejamos os exemplos a seguir, que envolvem um verbo de consumação (o contrário de um verbo de criação):

- (18) a. João fuma cigarro/cigarros (não charuto/charutos).
b. #João fuma um cigarro/o cigarro.⁸
c. João tem fumado cigarro/cigarros.
d. João tem fumado um/o cigarro *(que é fabricado na Índia).

Em (18a, c e d), vê-se que a interpretação habitual é compatível somente com complementos não-quantificados; se o complemento for quantificado, ele tem que ser interpretado como um tipo, não como uma entidade particular (por exemplo, (18d), que precisa da oração relativa para ser gramatical). Os exemplos em (19) mostram uma simetria interessante entre o verbo no presente e o nominal *-nte* derivado:

- (19) a. Um/o fumante de cigarro/cigarros (não de charuto/charutos).
b. Um/o fumante de ?um cigarro/do cigarro *(Marlboro).
c. ?O fumante do único cigarro que estava no bolso do Pedro foi o João.

Assim como o presente do indicativo – habitual – do verbo *fumar*, a palavra *fumante* tem baixa tolerância a complementos quantificados, a não ser quando estes denotam tipos, não entidades particulares (ver (19b)).⁹ Tampouco aceita uma leitura em que um evento particular de fumar culminou (ver (19c)).

A literatura reconhece uma forte relação entre habitualidade e uma leitura *característica/genérica* (CARLSON, 1977) ou *caracterizadora* (KRIFKA et al., 1995) do evento/predicado que se lhe associa. Para que se entenda: predicados caracterizadores expressam propriedades de seus sujeitos (KRIFKA et al., 1995).¹⁰ Tomemos (18a) como ilustração. Além de um hábito de João, fumar cigarros é uma generalização a seu respeito: sabemos que ele pertence a um grupo pessoas que fuma cigarros, mas talvez não charutos ou cachimbos, e às quais são reservados setores especiais em restaurantes, por

8 Aqui, o complemento quantificado força uma leitura progressiva, e não habitual, do presente do indicativo. Esta leitura, entretanto, é bastante marginal, talvez por haver no sistema da língua uma forma, envolvendo o gerúndio do verbo, expressando mais tipicamente progressividade: *João está fumando um cigarro*.

9 Os complementos quantificados em (16) para *alvejar* e *fertilizar* são permitidos porque seus referentes não deixam de existir ao final do processo; o contrário do que ocorre com *cigarro* em (19b).

10 Para esses autores, os predicados verbais se dividem em duas classes: os episódicos e os caracterizadores. Os episódicos referem-se a um evento específico, já os caracterizadores caracterizam propriedades do referente do sujeito, não se referem a uma ocorrência particular do evento denotado pelo verbo.

exemplo. A mesma percepção pode ser estendida à palavra *fumante* em (19): fumar (cigarro) seria um hábito – e uma propriedade – de seu referente.

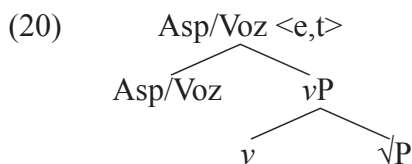
Com o nosso primeiro exemplo em (16b), *fertilizante*, a coisa não é diferente. Seu referente tem a propriedade de fertilizar. Como vimos antes, palavras como *fertilizador* têm uma pequena diferença semântica em relação a palavras como *fertilizante*: há uma leitura em que seu referente é o realizador de uma fertilização particular, de um evento singular, sem que necessariamente ele tenha uma propriedade fertilizadora ou hábito de fertilizar o que quer que seja (ver nota 5 acima, para um exemplo mais transparente). A palavra *fertilizador* permite, portanto, uma leitura *episódica* (e *télica*) do evento denotado pelo verbo de base (ver (17) acima); já a palavra *fertilizante* (ou *fumante*) veicula, sempre, uma leitura *genérica* ou *caracterizadora* do evento.

Para explicar tais características, proponho a existência de um núcleo, tanto no presente do indicativo (dos verbos não-estativos) quanto nos nominais e adjetivos em *-nte*, cuja função seja fazer com que os eventos tenham uma leitura genérica/habitual. Este núcleo trará um operador genérico e fará, na proposta, parte do sistema flexional do verbo, uma vez que traz traços relativos a propriedades temporais de eventos, proibindo-lhes leitura *télica*. Assim, o predicado das formas em *-nte* será, tipicamente, um predicado caracterizador. Observe-se que uma abordagem sintática como esta explica sem embaraços o fato de um tempo verbal, o presente do indicativo, que envolve núcleos sintáticos, e um adjetivo ou nominal em *-nte*, formações tradicionalmente atribuídas a regras lexicais, compartilharem tantas propriedades. Então, se o defendido aqui está no caminho certo, parece realmente legítimo chamar as formas terminadas em *-nte* de “participios presentes”.

E a leitura de argumento externo do verbo encaixado, como se explica?

Assumirei que (a) argumentos externos são licenciados na estrutura pela presença de um núcleo funcional – Voz – separado do verbalizador ou da raiz verbal (ver KRATZER, 1996; CHOMSKY, 1995; PYLKKÄNEN, 2002; MARANTZ, 1984) e (b) pelo menos no caso das formas em *-nte*, os *participios presentes*, os traços de Voz estão no mesmo núcleo flexional que traz o operador genérico. Dados os traços albergados por este núcleo, o que quer que venha a concatenar-se com a estrutura projetada por ele vai (a) ter a interpretação temática tipicamente associada ao argumento externo do verbo mais encaixado e

(b) ser caracterizado pelo predicado associado. Aqui, vou assumir a definição diádica dada por (KRIFKA et al., 1995) para o operador genérico, que é, grosso modo, a seguinte: para toda situação normal relacionada ao evento descrito pelo verbo mais encaixado, se o referente do argumento externo está contido nesta situação, então ele é sujeito do verbo em tal situação. Os referentes poderão ser interpretados como instrumentos ou agentes, dependendo do significado do verbo interno; em alguns casos (como o do nominal *agravante*¹¹), o referente será uma eventualidade causadora. A estrutura (20) ilustra a ideia. Nela, o tipo semântico do nó mais alto deverá ser $\langle e,t \rangle$, relacionando entidade com valor verdade – assumindo, aqui pelo menos, que o operador fecha a variável de evento aberta pelo vP , e o verbo mais encaixado pede por um sujeito que seja tipicamente uma entidade, não uma eventualidade.



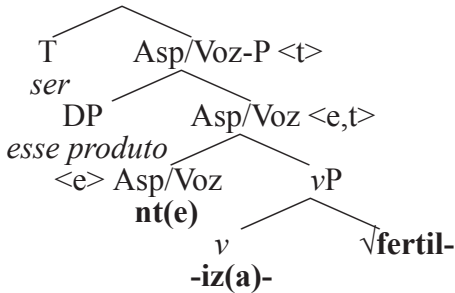
Temos três maneiras de saturar ou fechar a variável de entidade que sobra em (20), seguindo propostas de Heim e Kratzer (1998):

- (1) Combinamos um constituinte sintático de tipo semântico $\langle e \rangle$ (um DP, por exemplo) e saturamo-la com Aplicação Funcional;
- (2) Concatenamos um nP de tipo semântico $\langle e,t \rangle$ e aplicamos Modificação de Predicado, criando um outro constituinte de tipo $\langle e,t \rangle$ cuja variável x será fechada com quantificação existencial pela aplicação de uma função de tipo $\langle \langle e,t \rangle, e \rangle$ (um determinante).
- (3) Combinamos diretamente um determinante (de tipo $\langle \langle e,t \rangle, e \rangle$) com (20) e fechamos a variável x com quantificação existencial também por Aplicação Funcional.

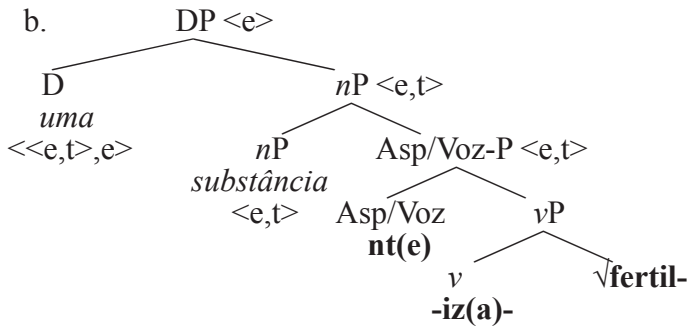
As três estruturas abaixo, para *fertilizante*, ilustram as três possibilidades acima. É possível que, para licenciar sintaticamente a concatenação de D com a estrutura em (20) na opção (3), um n semanticamente vácuo se combine via *merge*, na sintaxe, com esse constituinte (ver [21c]).

¹¹ Agradeço a Miriam Lemle por me chamar a atenção para este tipo de exemplo.

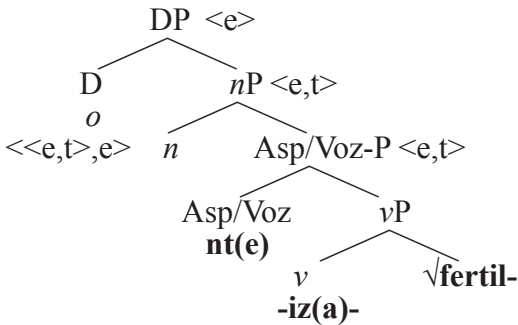
(21) a.



b.



c.



Em (21a) temos o adjetivo *fertilizante* como um predicativo; em (21b) temos *fertilizante* como um adjetivo atributivo; (21c) é a minha proposta para nominais em *-nte* como os dos exemplos em (3). O fato de o núcleo Asp/Voz ser realizado fonologicamente pelo item de Vocabulário /nt/, explica por que os nominais em *-nte* são sempre ativos, descrevendo propriedades dos sujeitos dos verbos de base.

Para fechar esta seção, é importante explicar um aspecto da morfologia das formas representadas em (21a) e (21b): sua concordância adjetiva. Vou assumir que um morfema dissociado, de concordância (HALLE; MARANTZ, 1994), é inserido sob o nó flexional destas estruturas – o nó que contém traços de Voz e Aspecto em (20) – e fecha “palavra” (IPPOLITO, 1999). Assumirei também, tentativamente, que nós dissociados de concordância copiam traços de *número* e *pessoa* de sintagmas nominais sujeitos quando estão anexados a nós flexionais imediatamente c-comandados por C. Mas, quando o nó flexional não é imediatamente c-comandado por C, o nó de concordância copia traços de *gênero* e *número* do sintagma nominal associado. Este é o caso de (21a) e (21b), e por isso a concordância tipicamente adjetiva das formas correspondentes.

Outras questões:

a) Sobre os verbos de base:

Os dados sugerem que verbos que a literatura classifica como inacusativos (intransitivos cujo argumento é interno) são muito raros (se de fato ocorrem) nos nominais em *-nte*. Palavras como ?*chegante*, **veniente* (vir) são bastante degradadas. A explicação para isso seria a seguinte: o núcleo flexional envolvido em sua estrutura é ativo, e não co-ocorre com tais verbos, por razões óbvias. Verbos que tenham argumento externo, de um modo geral, podem lhes servir de base, independentemente, em princípio, de qual papel temático tipicamente se atribui ao argumento externo. Essa afirmação, entretanto, parece não se estender facilmente a verbos transitivos que denotam estados – **gostante*, **possuinte*, **sabente*, etc. (mas *descendente*, *amante*, etc.) –, talvez por conta da definição assumida para o operador genérico, que pressupõe verbos que possam denotar eventos, com leituras episódicas. Uma discussão mais pormenorizada sobre o licenciamento (ou não) de verbos estativos e inacusativos neste tipo de forma nominal fica para trabalhos futuros.

b) Sobre as interpretações idiossincráticas:

Em uma estrutura como a de (21c), a parte enciclopédica de seu significado é dada pela raiz no ambiente do primeiro categorizador, o “vizinho”.

Como já vimos anteriormente, segundo Marantz (2001), o que se anexa acima da primeira camada morfossintática (da primeira fase) contribui somente com a informação veiculada pelos morfemas presentes, não podendo, pois, modificar o conteúdo enciclopédico da raiz, nem, em princípio, acrescentar conteúdo enciclopédico ao nominal em *-nte*. Vejamos, entretanto, o que ocorre com a palavra *fertilizante*. Na análise proposta, (21c) nos diz que *fertilizante* é uma entidade que *fertiliza*, mas não restringe, dentro do universo das entidades, tipos de entidade que o façam. A conclusão, então, é que se Paulo ou Pedro são entidades, eles poderiam ser fertilizantes. Mas isso é verdade? Fertilizante não seria uma entidade não-humana, um adubo? Ora, se restrinjo o universo de entidades, não estou acrescentando conteúdo enciclopédico a (21c), um conteúdo que vai além do significado da raiz verbal – ou da paráfrase associada? As questões parecem espinhosas para a proposta de Marantz, e talvez até mesmo criem problemas para uma abordagem sintática dos nominais em *-nte*, pois retomam a tensão mencionada na introdução ao artigo. Como lidar com elas?

Em primeiro lugar, não é verdade que *fertilizante* é sempre sinônimo de *adubo*, nem tem como único referente possível alguma mistura química, natural ou sintética, usada para enriquecer solos. Esta associação só *pode* acontecer com a palavra em questão nos contextos em que se esteja falando de fertilização de solos, mas este não é único contexto em que usamos a palavra *fertilizante*. Veja-se esta notícia, tirada do sítio www.saude.df.gov.br: “Dezesseis mulheres tomaram **fertilizantes** de alto risco e foram usadas como produtoras de óvulos”. Aqui, *fertilizante* é um medicamento que torna a mulher mais fértil; e, portanto, a palavra não se refere somente a produtos usados no enriquecimento de solos.

E quanto à limitação de referência a entes não-humanos? Sim, existe alguma restrição quanto ao uso de entes humanos (ou animados em geral) como referentes da palavra *fertilizante*, mas creio que isso tenha que ver com o conteúdo enciclopédico do verbo *fertilizar*, e não com algum possível conteúdo enciclopédico acrescentado por outra das camadas de (21c). Mas, se assim é, como se explicam frases como *o João fertilizou o terreno do meu tio*, em que o verbo toma como sujeito uma entidade humana (animada)? Não creio que este seja um bom contra-exemplo para o que afirmei acima. Observe-se que a frase descreve uma situação em que João realizou uma atividade (por exemplo, aplicar adubos no solo) que teve como consquência

um solo fértil ou fertilizado. João não tem a propriedade ou as propriedades necessárias para tornar algo fértil, ainda que a fertilidade do solo possa depender de uma ação sua. O adubo aplicado fertilizou o solo; João, no máximo, o fez indiretamente. Portanto, a restrição do tipo de referência para a palavra *fertilizante* é determinada pelo verbo de base, o *locus* do conteúdo enciclopédico. Nosso conhecimento de mundo nos diz que, de fato, entes animados não fertilizam algo ou alguém, a não ser “indiretamente”, e por isso não são os referentes típicos de *fertilizante*. O mesmo raciocínio vale para *alvejante*, *adoçante*, *entorpecente*, etc.

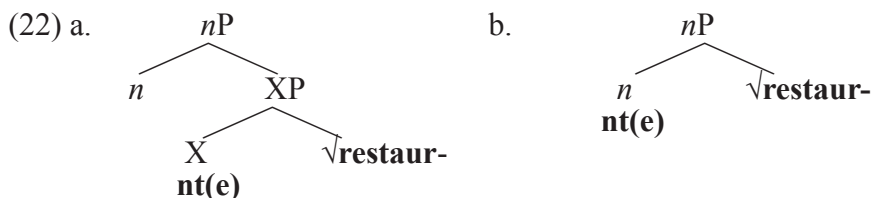
Será que podemos estendê-lo também para *retirante*, *pisante*, *restaurante*, *refrigerante*, etc., outros exemplos problemáticos mencionados na introdução? Tomemos o caso de *retirante*. As catástrofes produzidas pelas secas mais ou menos periódicas nos sertões brasileiros provocam a saída de contingentes humanos das áreas afetadas. A situação se repete com regularidade, fazendo com que um tipo de pessoa, o sertanejo nordestino, seja, com frequência, obrigado a *se retirar* de tais localidades, muitos deles ainda voltando para suas roças arrasadas quando a seca termina. Temos, então, um grupo de indivíduos que se adequam perfeitamente ao significado veiculado pela estrutura em (21c), pois *retiram-se* “habitualmente” de algum lugar. Observe-se que “retirar-se” é um verbo agentivo; os verbos agentivos em geral selecionam como referente de seu sujeito um ente animado ou um instrumento; como é bem difícil imaginar um instrumento cuja função seja *retirar-se*, ficam os entes animados como referentes para *retirante*. A discussão sugere, pois, que qualquer entidade animada que se retire regularmente de um lugar, com alguma intenção (por exemplo, escapar a uma catástrofe natural, a uma mudança de estação, etc.), pode ser chamada de *retirante*. Seria este o caso aqui? Creio que sim. Se *retirante* parece estar muito ligado ao sertanejo que foge da seca, é porque este deve ser, para nós, o tipo de entidade mais frequentemente associada à palavra, como um *default*, e não porque o vocábulo *retirante* é formado no léxico, com determinadas idiosincrasias semânticas, ou porque há alguma camada em (21c) que acrescenta ao seu significado que o referente tenha que ser “um sertanejo fugindo da seca”.

E quanto a *pisante*? A gíria faz referência a instrumentos usados para pisar: ou seja, a calçados em geral. Mas o verbo *pisar* não deveria pedir por um ente animado como sujeito? Por que, então, os referentes de *pisante* são calçados para o pé, entes não animados? Minha resposta para estas questões,

ainda tateante, é a seguinte: talvez simplesmente seja difícil encontrar um contexto em que o nominal *pisante* caracterize de maneira relevante um ente animado ou humano, uma vez que todos os entes que têm patas ou pés pisam, o tempo todo. Em que contextos estaríamos sendo realmente informativos sobre Pedro e Paulo nos referindo a eles como *pisantes*? Na comparação com outros entes animados que não pisam, como cobras ou minhocas? Ocorre-me um contexto em que se fale de uma profissão (hábito) cuja principal atividade seja a de **pisar**: assim, Pedro e Paulo, por exemplo, poderiam ser *pisantes* em vinhedos da região sul do Brasil, contratados para pisar uvas na produção de vinho. Este me parece um uso possível, ainda que não tenha encontrado exemplo dele. De qualquer modo, como afirmei acima, nominalizações de verbos agentivos que denotam entidades frequentemente aceitam interpretação de “instrumento necessário à atividade associada ao verbo de base” (por exemplo, *cortador*, *rebocador*, etc.). Ao contrário do que ocorre com os entes animados, que são possíveis sujeitos para o verbo *pisar*, usar a palavra *pisante* para distinguir e caracterizar entidades no universo dos instrumentos parece ser altamente relevante, uma vez que instrumentos diferenciam-se por suas funções – e a função de *pisar* é diferente das de *cortar* ou *rebocar*. A conclusão é que os nominais discutidos nos parágrafos anteriores não colocam, de fato, problemas para a abordagem expressa por (21c), nem para as propostas de Marantz (2001).

E os casos de *restaurante* e *refrigerante*, que nem mesmo parecem remeter (de maneira imediata, pelo menos) a suas esperadas paráfrases? Alguns dados sugerem que o item de Vocabulário /nt/ ocorre também em nomes (e adjetivos) cujas raízes não se associam a verbos do português. Vimos na nota 7 que *paciente* é uma dessas palavras. Suponhamos que, no caso de *paciente* e de outros itens aparentemente não deverbais, o morfema realizado por /nt/, qualquer que seja, se anexa diretamente à raiz, sem que haja, aqui, uma camada verbal interveniente que fixe seu significado. Assim, o significado da raiz será determinado, com suas idiossincrasias, pelo primeiro morfema categorizador que se anexar à estrutura. Ora, será, então, que o mesmo não pode estar acontecendo com *restaurante* ou *refrigerante*, ainda que sua raiz seja também a de um verbo do português? Observe-se que, ao contrário do que ocorre com *fertilizante*, não encontramos neles realização fonológica de um verbalizador (**-iz-**), o que permite, em princípio, a postulação de uma estrutura morfossintática que não o envolva. Muitos outros nominais em *-nte* pare-

cem-se com *restaurante* e *refrigerante*, pois têm uma raiz que encontramos em verbos da língua, mas seu significado difere do da maioria dos itens em (3): *mordente* (preparação usada por pintores para fixar as tintas), *escrevente* (auxiliar substituto do serventuário de justiça), *doente* (que não se refere a quem “dói”), *alto-falante* (uma caixa de som que não necessariamente reproduz sons da fala), *corrente* (que, de fato, não corre), etc. Proponho, então, que tais palavras não tenham a estrutura morfossintática representada em (21c), mas, como em *paciente* (ou *pingente*, *ingrediente*, etc.), tenham uma estrutura como a representada por um dos esquemas a seguir, o que explicaria seu significado tão particular:



Aqui, ou o item de Vocabulário /nt/ realiza o próprio núcleo nominalizador, ou realiza algum núcleo funcional intermediário não categorizador (que estou chamando de X), que, portanto, não fecha fase. Isso quer dizer que o item de Vocabulário em questão é **subespecificado**. Os esquemas (22a) e (22b) representam os ambientes morfossintáticos nos quais, segundo Marantz (2001), o significado da raiz é negociado, e, por isto, podemos ter conteúdos enciclopédicos que não precisam levar em consideração o significado do suposto verbo de base, ainda que levem em consideração o conteúdo – mínimo; qualquer que seja – que a raiz traz.

Com isso, espero ter mostrado que a lista (3) não encerrava um paradoxo; o que ela traz é uma heterogeneidade morfossintática, com suas consequências.

Conclusão

Mostrei, ao longo do artigo, uma maneira de tratar os itens em (3), conciliando as propriedades supostamente antagônicas descritas na introdução. Com efeito, a conclusão é que não há propriedades antagônicas: o tratamento sintático é suficiente para explicar as características dos nominais em

-nte; o que há, na maioria dos casos, de semanticamente idiossincrático está no verbo de base, que constitui a sua primeira camada morfossintática (o *locus* da arbitrariedade saussurea; cf. MARANTZ, 2001).

Uma questão, entretanto, não é explicada pelas propostas acima. Segundo o que vim defendendo até o momento, sempre que combinamos um *n* a uma estrutura como (20), que é, assumo, a base também para participípios com distribuição adjetiva, temos um nominal em *-nte*. Mas essa formação *parece* não ser muito produtiva. Em particular, (21c) raramente tem um verbo com objeto-experienciador na base: **o alegreante*, **o aterrorizante*, **o eletrizante*, **o deprimente*, **o atordoante*, **o acabrunhante*, **o estonteante*, **um agoniante*, **um inebriante*, **um desestimulante*, etc. Por quê?

Ainda não tenho uma boa resposta para este problema. Mas me ocorre que, pelo menos no caso de alguns dos verbos mencionados, a questão não é de agramaticalidade. Imaginemos um futuro em que a psiquiatria tenha a sua disposição medicamentos que provoquem vários tipos de estados psicológicos e humores, como alegria, terror, etc. Nesse caso, por indicação do fabricante, talvez fosse preciso deixar o *alegrante* na geladeira, porque ele se estraga facilmente. E para quem está sofrendo com acessos freqüentes de euforia, talvez seja indicado um tratamento a base de *acabrunhantes* ou *desestimulantes*. Ao que parece, nada impede, em princípio, que qualquer verbo transitivo sirva de base para os nominais em *-nte*. Contudo, acontece que, dependendo do tipo de eventualidade que o verbo descreve, é muito difícil conseguir um contexto em que a tal forma nominal derivada encontre, no mundo, um referente adequado ao significado que ela veicula.

AGRADECIMENTOS: Gostaria de agradecer a Ana Paula Scher, aos membros do GREMD (Grupo de Estudos em Morfologia Distribuída, da USP) e a Miriam Lemle por comentários e ideias. Gostaria de agradecer também à FAPESP pela bolsa de pós-doutorado (2008/00426-0) que possibilita esta pesquisa.

MEDEIROS, Alessandro Boechat de. Brazilian Portuguese *nte*-nominals: a syntactic analysis. *Revista do Gel*. São Paulo, v. 7, n. 1, p. 30-56, 2010.

ABSTRACT: *This paper analyzes Brazilian Portuguese deverbal nte-nominals, such as fertilizante, fumante or entorpecente, in the framework of Distributed Morphology. We propose that its morphosyntactic structure has an inflectional head whose functions are: introducing an external argument and giving the event denoted by the embedded verb a generic/habitual reading. In our analysis, the same internal inflectional phrase that we find in nte-nominals*

is found in nte-words, which behave typically like adjectives. We present arguments for our syntactic approach to the nte-nominals and, in the final sections, we discuss the kind of reference thch is typically associated to such nominals

KEYWORDS: *Present Participles. Aspect. Nominalizations. Distributed Morphology.*

REFERÊNCIAS

ALEXIADOU, A. **Functional Structure in Nominals:** Nominalization and Ergativity. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 2001.

ANDERSON, S. R. **A-Morphous Morphology.** Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

BORER, H; ROY, E. **The Name of the Adjective.** Manuscrito, 2007.

CARLSON, G. N. An Unified Analysis of English Bare Plurals. **Linguistics and Philosophy**, v. 1, p. 413-457, 1977.

CHOMSKY, N. **The Minimalist Program.** Cambridge Mass: MIT Press, 1995.

_____. **Derivation by Phase.** MIT, manuscrito, 1999.

EMBICK, D. **Unaccusative Syntax and Verbal Alternations.** MIT, manuscrito, 2000.

GRIMSHAW, J. **Argument Structure.** Cambridge, Mass: MIT Press, 1990.

HALE, K.; KEYSER, S. J. On Argument Structure and the Lexical Expression of Syntactic Relations. In _____. (Orgs.) **The View From Building 20.** Cambridge Mass: MIT Press, 1993. p. 53-109.

HALLE, M.; MARANTZ, A. Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. In: HALE, K.; KEYSER, S. J. (Orgs.) **The View From Building 20.** Cambridge Mass: MIT Press, 1993. p. 111-176.

_____. Some key features of Distributed Morphology. In: CARNIE, A.; HARLEY, H. (Orgs.) **MIT Working Papers in Linguistics:** Papers on phonology and morphology. Cambridge Ma.: MIT Press, 1994. v. 21, p. 275-288.

HARLEY, H; NOYER, R. **State-of-the-article:** Distributed Morphology. Manuscrito. University of Pennsylvania, 1999.

HEIM, I.; KRATZER, A. **Semantics in generative grammar.** Malden, MA.: Blackwell, 1998.

HOUT A. van; ROEPPER, T. Events and Aspectual Structure in Derivational Morphology. **MIT Working Papers in Linguistics**, Cambridge Mass., v. 32, p. 175-220, 1998.

KESTER, E. Adjectival Inflection and the Licensing of pro. In: NUNES, J.; THOMPSON, E.; VARLOKOSTA, S. (Orgs.) **Working Papers in Linguistics**. Maryland: Universidade de Maryland, 1994. v. 2, p. 91-109.

KRATZER, A. Severing the External Argument from its Verb. In: ROORYCK, J.; ZARING, L. **Phrase Structure and the Lexicon**. (Orgs.) Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1996. p. 109-137.

KRIFKA, M.; PELLETIER F. J.; CARLSON, G.; MEULEN, T.; CHIERCHIA, G.; LINK, K. Genericity: An Introduction. In: CARLSON, G.; PELLETIER, F. J. (Orgs.) **The Generic Book**. Chicago & London: The University of Chicago Press, 1995. p. 1-124.

MARANTZ, A. **On the Nature of Grammatical Relations**. Cambridge Mass: MIT Press, 1984.

_____. No escape from syntax: don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon. In: DIMITRIADIS, A.; SIEGEL, L. et al. (Orgs.) **University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics, Proceedings of the 21st Annual Penn Linguistics Colloquium**, Universidade da Pennsylvania, v. 4.2, 1997. p. 201-225.

_____. **Words**. MIT, manuscrito, 2001.

MARVIN, T. **Topics in the stress and syntax of words**. 2002. Tese. (Doutorado em Linguística), - MIT, Cambridge Mass, 2002.

PARSONS, T. **Events in the Semantics of English: A Study in Subatomic Semantics**. Cambridge, Mass: MIT Press, 1990.

PYLKKÄNEN, L. **Introducing Arguments**. 2002. Tese (Doutorado em Linguística), - MIT, Cambridge Mass, 2002.

REICHENBACH, H. **Elements of Symbolic Logics**. New York: Free Press, 1966 [1947].

SIAINES, C. A. **Categoria vazia no sintagma determinante: licenciamento sintático e implicações semânticas e lexicais**. 1997. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.